

Relatório: Projeto Educacional **KIKBAKISA**
Elaborado por **Maurílio P. Barcelos** (Missão Anchieta)
Apresentado no **Encontro de Educação Indígena** em São
Lourenço de Fátima (MT) **fevereiro de 1982.**

CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO:

Antes do Contato: 1950/1960

Local MT - População em torno de 1.000 pessoas
Território - ao Norte/próximo limite Amazonas/MT
ao sul/ na altura da confluência do rio Papagaio com o
Rio Juruena.
a leste/Rio Arinos
a oeste/ entre o rio Aripuanã e Juruena
Grupos locais espalhados e hostis entre si.
Conflitos - inter-grupais e inter tribais (com Cinta Larga, Irantxe,
M'ky) e com seringueiros que penetravam no território.

Contato de Pacificação - 1955/60, feito pelo Pe. João Dornstauder
com o apoio dos seringalistas interessados na região. Consequên-
cias: redução da população para mais ou menos 220 pessoas; cria-
ção da reserva Rio Juruena/Rio do Sangue (100 mil has); ocupação
do antigo território pelas frentes econômicas e transferência
das crianças para Utiariti (internato).

Após o contato (Atualmente):

Consolidação das frentes de ocupação em torno da reserva já demar-
cada. Defesa do pequeno território - reação do grupo contra a estrada.
retomada da ilha, ocupada por Carlos Ferreira.
Crescimento da população - aproximadamente 480 pessoas.

6 aldeias nas margens do Juruena

Dois grupos Característicos: tradicionais: velhos e último grupo pa-
cificado. Modernos- geração de Utiariti.

Mais ou menos 70% da população abaixo de 30 anos de idade.

CULTURA - os valores tradicionais persistem junto a novos hábitos e
influências. A língua do grupo está em segundo lugar -
Todos os adultos falam, mas nem todas as crianças.
Português usado como língua corrente - nem todos os anti-
gos falam o português.

ECONOMIA: A extração da borracha foi adotada como importante ativida-
de econômica, o que estabelece relações contínuas com os re-
gionais. Persiste, no entanto, as atividades econômicas tra-
dicionais como: a coleta, a pesca e caça, embora já não
tenham abundância de caça como antes.
Utilização regular do dinheiro e de bens do consumo da civi-
lização.

POLOS DE INFLUÊNCIA: Fontanilhas - vila em frente à reserva
Juina - Sede de futuro município
Vilhena - menos influência
Empreendimentos Juruena - Centro de colonização
Muitos tem por hábito, passam períodos trabal-
hando fora, e para eles ser peão é quase uma ques-
tão de status. No entanto, isto é um assunto constantemente discutido
pelo grupo, por própria conta, por já terem constatado o grau de ex-
ploração a que ficam submetidos.
Pe. BAUDUINO - permanece entre os índios prestando serviços no campo
da saúde, principalmente, e atendimento em outros setores. Ocupa-se
também na pesquisa da língua, procurando minimizar os erros do tempo
da Missão tradicional, valorizando a cultura, a partir de uma ação
mais participante. Sendo também um intermediário entre os índios e
alguns setores da sociedade nacional, como FUNAI, e eu agora.

ANTECEDENTES:

Internato de Utiariti: Tempo de duração: de 1943 à 1971.

Transferência das crianças para o internato após o contato.

Distanciamento destas crianças de seu contexto social, cultural e de seus pais. Convivência forçada com crianças de outras tribos.

Alguns tradicionais inimigos dos Rikbatsa. Imposição de valores culturais religiosos dos brancos, Negação e destruição da cultura dos pais, proibição de falar a própria língua.

Objetivo do internato: "civilizar" o índio e integração forçada.

Consequências do internato: Abandono da língua materna em parte.

Formação de um grupo bastante representativo com uma instrução média - alguns com 1ª e 2ª GINÁSIO

2 grupos com mentalidades distintas: tradicionais e modernas

Desajustamento social de alguns indivíduos.

Quebra de alguns padrões tradicionais: - n.º furam mais orelha - alguns solteiros não participam mais em festa.

POSTO SANTO INÁCIO: Sede da Missão Anchieta entre os Rikbatsa, no Barranco Vermelho, depois da extinção do internato de Utiariti. Continuou a ação catequética e civilizadora pois o posto Sto. Inácio ficou substituindo Utiariti em menor escala. Formação escolas nesse período foi precária, com rotatividade de padres e freiras, e participação de alguns monitores indígenas, atividade escolar descentralizada - alguns poucos, alfabetizados na língua P/SIL.

NECESSIDADE DE ESCOLA:

Como consequência destes antecedentes temos dois pontos importantes.

- Formação de 1 grupo "intelectualizado"

- Conhecimento e experiência por parte do grupo tribal de um modelo educativo e n.º o tradicional do grupo.

NOTA: apesar de tradicionalmente terem seu processo de educação parece que não havia entre os Rikbatsa, um processo como é observado entre os grupos Kaiapó. Ex: com categorias de idade bem formalizados, determinando um processo de iniciação. No entanto, ainda que esse processo de educação tradicional não seja conhecido, é claro que existiu, nos parece que não foi de todo ensinado, apesar da forte influência do internato sobre a atual geração adulta, observa-se comumente, grupos de crianças de diferentes faixas de idade entregues a brinquedos e atividades que tem um nítido caráter socializante. Observa-se também, que esses grupos, são por faixas de idade bem definidos, não havendo em geral participação de outras idades nesses grupos. Ex: 1 dia um grupo de garotos de mais ou menos 10 anos saíram em "expedição" no mato em busca de espinhos de tucum. Retornaram, fizeram pequenas espingardas, e em seguida saíram à caça de calangos e pequenos passaros. Esse tipo de atividade é bastante comum.

A partir da experiência que o grupo teve em "escola" de Utiariti, a continuidade desta ação educativa, nos moldes do branco, passou a ser uma aspiração e cobrança dos índios, aos padres da missão, em especial ao Balduino.

EXPECTATIVAS: apesar de uma visão bastante crítica no que se refere ao passado de internato, e dos tempos do posto Santo Inácio. ("Nós não mandava em nada - parece que os padre que eram dono daqui!

"Aquele tempo parece um pesadelo; era proibido isso, e proibido aquilo" - são declarações dos índios que ouvi.)

A cobrança dos índios no que se refere a uma professora ou professor, para dar continuidade às escolas das aldeias, me parece baseada no seguinte.

- A geração atual de pais e chefes de família, bem como alguns capitães e pessoas com atividade comunitária (atendente de enfermagem, de rádio, tratorista, etc.) são aqueles que lograram uma instrução escolar bastante razoável em Utiariti. Conhecem portanto o valor da instrução dentro do mundo branco. São conscientes, de que é impossível um retorno aos "tempos da maloca" e outrossim da realidade de que estão condenados agora a viver com "civilizados"; mantém contato com os brancos em Fontanilhas e Juina, a nível de comércio (venda de borracha - compra de mercadorias).

Costam de ler, qualquer coisa que lhes caíam nas mãos, desde gibi tipo "Tex Willer" até jornal Porantim, Mensageiro, Tempo e Presença. Conhecem portanto a importância de estudar e das crianças começarem a ir à escola, dentro da nova realidade que vivem,

- Tudo isso pode ser deduzido a partir das reuniões com as comunidades das diversas aldeias e também no correr de minha convivência com eles e das conversas e bate-papos que surgem.
- A expectativa do grupo era portanto, a partir do que ficou decidido por eles nas reuniões que todos estudariam, crianças e adultos.
- A expectativa dos adultos era quanto à continuação do estudo que fora interrompido em Utiariti quando este fechou.
- Queriam prosseguir os estudos de primário e ginásio; estudar matemática, português, geografia, história, ciências e até mesmo educação moral e cívica.
- Aqueles adultos que ainda não sabem ler manifestam o desejo de aprender. Alguns poucos também manifestaram aspirações quanto a uma formação profissionalizante.
- Todo estudo foi pedido em português.
- As aulas sempre nos tempos das águas - outubro-abril.

ANTECEDENTES E PERSPECTIVAS PESSOAIS: Já vem de longe meu interesse pessoal em conviver e atuar dentro de um grupo indígena, por razões de ideal e de ideologia. Para isto interrompi meu trabalho de pintura e pesquisa nas artes plásticas, passei um período em Cuiabá no qual fiz o estágio da OPAN e tive rápidos contatos com aldeias de Ginta-larga, Pare-si, Kavante, além de um contato bastante intenso com os índios de Cuiabá. Em junho de 1981, o Pe. Balduino da Missão Anchieta, me fez a proposta, de trabalho no setor educacional, junto aos Rikbaktsa, para atender o anseio do grupo nesta área, por mim escolhida como o setor que mais se harmoniza comigo e com o tipo de atividade por mim levada anteriormente. Segundo ele, os índios esperavam uma pessoa para atuar neste setor. Informou-me das escolas existentes em 5 aldeias, e falou-me dos monitores, e da necessidade de alguém trabalhar diretamente com eles, quanto ao treinamento e orientação dos mesmos. Inicialmente portanto, o meu papel não seria o de ensinar diretamente nas aulas, mas o de orientação dos monitores. Segui para a reserva no final de agosto, após alguns encontros com o Pe. Meliá, diretor da MIA, e Irmãs Beth dos Myky que me orientaram e me puseram a par da realidade.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA: Logo após a chegada, foram feitas reuniões com os chefes de família no Barranco e na aldeia da curva. Na segunda aldeia, e primeira aldeia a comunidade dispensou as reuniões para definir o andamento da escola. Ficaram formados os seguintes grupos, por aldeia:

SETEMBRO - 1981

	Pré-Alfab.	Cr. Alfabet.	Est. Adultos	Mulheres Alf.	OBSERVAÇÕES
BARRANCO V VERMELHO	7 no início 3 agora	14 no início continuam	13 homens início jan. continuam		No Barranco, apenas 1 o grupo de crianças do pré-alfabetiz. ficou reduzido. Novo grupo de adultos em janeiro
PRIMEIRA ALDEIA	5 crianças pararam	12 crianças pararam	6 adultos entre os quais 2 mulheres		Os grupos de crianças parou, por inconstância de monitor, que e o capitão da aldeia. Os adultos retomaram em janeiro.
SEGUNDA ALDEIA	4 crianças pararam	10 crianças com alguns adolescentes pararam	5 adultos e rapazes pararam		Na segunda aldeia, todos os grupos pararam, com a saída do monitor, por problemas econômicos.
Curva	6 crianças continuam e/ mais 4	8 crianças continuam	8 adultos homens pararam/re- tornaram in- constantes	6 mulheres pararam	As crianças permanecem cons- tantes. Aumentaram mais 4. As mulheres pararam de vez Os homens estão inconstantes.
ALDEIA NOVA					Ainda não foi iniciado o trabalho. No entanto a comunidade tem solicitado p/ adultos e crianças.

- Cada aldeia possui sua classe, como construção em madeira, fazendo parte do conjunto da aldeia.
- Aula das crianças começam às 8 hs até 10:30 da manhã.
- Aula dos adultos são grupos de estudo, na segunda feira, terça-feira, quarta-feira - 6 hs até 8 hs da manhã.
- Os monitores são: das crianças: Barranco Vermelho - Ivo/Aparecida
1ª aldeia - Nicolau (parado)
2ª aldeia - Pedro paulo (parado)
Curva - Margarida
dos adultos: Barranco - Tarcísio
1ª aldeia - Arlindo
2ª aldeia - não tem
Curva - Eriberto.
- O método de alfabetização utilizado é baseado no método Paulo Freire, utilizando fichas silábicas, cartazes, palavras geradoras, sempre tiradas dentro da necessidade do grupo. Ex.: o povo canoeiro vive na matá ma ta.

A alfabetização é feita em português. Isto foi exigência do grupo. As aulas vão de setembro-outubro até abril, tempo das águas.

Grupo de Estudos-Adultos:

Era solicitação geral; em reunião com a comunidade ficou decidido: - 3 reuniões de estudo por semana: 2ª feira - Estudos Sociais
3ª feira - Português
4ª feira - Matemática.

- O horário - 6 da manhã até às 8 hs.
- O monitor dos adultos - Tarcísio e Arlindo.
- Que por Estudo Sociais, ficaria entendido uma série de reuniões - aula onde seria debatido e colocado a nível indígena, a realidade indio-branco, em seus diversos aspectos - social/político/econômico/cultural/histórico - Geográfico/Comércio/Religião, etc.
- Que em Português, as aulas seriam a partir de textos atuais para leitura e análise - análise de conteúdo e vocabulário. Não há ênfase, no ensino formalizado da gramática. Os textos são escolhidos, dentre os que têm significação para o grupo.
- Que na Matemática as aulas ("reuniões de estudo") seria uma recordação e uma exercitação daquilo já sabido pelo grupo. Como as quatro operações, além também de explicações sobre percentagem, dinheiro, medidas, etc. Tem-se processado também, com a matemática, a usar de aspectos da realidade cotidiana como: preço da borracha, castanha, comércio de Fontanilhas, etc.
- Na reunião com a comunidade, e em conversas informais, foi colocado por mim, a impossibilidade de se levar uma escola nos moldes conhecidos por eles, com séries (1ª, 2ª, /3ª, etc.) Matérias bem separadas, etc. Dado não haver professores suficientes para tal - mas que no entanto, assim mesmo poderíamos estudar em conjunto e já que todos desejavam estudar deveríamos aproveitar a oportunidade para tal. Meu objetivo, portanto, foi promover um clima de discussão a nível de estudo formal, de questões fundamentais para compreensão por parte do grupo, da própria realidade Rikbaktasa, e da realidade da sociedade envolvente. Orientar este debate para uma valorização da própria cultura e sociedade Rikbaktasa, além da organização e autonomia do grupo -.
- Isto tem sido conseguido, pois muitas discussões extrapolam a própria escola - formal e se imiscuem no cotidiano, atingindo até pessoas que não participaram das aulas.
- Tem se levado também uma ação educativa na base de conversas de grupo, na casa dos homens, ou até mesmo em casa de família, que surgem naturalmente.

DINÂMICA DA AULA:

- Inicialmente a partir do livro da Isabel Hernandez, propôs-se uma discussão sobre trabalho-estudo como instrumento de transformação da realidade. Fez-se isso, partindo do desenho que cada um fez da própria mão, como forma de reflexão. Por aí, se conduz a reflexão para os temas que serão chaves de discussão - terra - trabalho - economia - sociedade - instrumentos de trabalho - artesanato - cultura - organização, ordenou-se com esses elementos um roteiro a ser seguido: SOCIEDADE-TERRA-ECONOMIA E TRABALHO-CULTURA-GOVERNO. Depois de uma aula, onde se faz uma descrição em grupo, sobre os temas encontrados em conjunto - partiu-se para o detalhamento, e análise, sempre em grupo, de cada tem, comparando-se sempre em cada tema, a sociedade indígena e a sociedade dos brancos (capitalista) usando-se sempre que possível exemplos concretos da realidade.
- Utiliza-se questionários, e divide-se a classe em pequenos grupos, de 3 a 4 que procuram encontrar as respostas relativas a cada pergunta;
- As perguntas do questionário são sempre relacionadas com a idéia base da aula.
- E procura levar-se as aulas num nível de linguagem e de reflexão acessível à turma.
- Procura-se mostrar e explicar sempre que necessário a realidade de outros grupos indígenas e a realidade do branco, enquanto povo e enquanto elites dominadoras.
- Procura-se também conduzir a reflexão em cima da própria realidade do grupo: "somos um povo"
- O material utilizado para discussão e estudos, tem sido selecionados nos livros didáticos existentes na aldeia. Claro que com a devida e criteriosa seleção, e quando se encontra algo utilizável.
- Utiliza-se também alguma coisa selecionada em publicações alternativas, como Tempo e Presença, Aconteceu, Boletim do CIMI, jornal Mensageiro, etc.
- Basicamente, porém, e muito mais a partir da formulação de idéias que o próprio grupo encontra.

IMPASSES E QUESTÕES:

- Falta de dinâmica e prepara dos monitores - não sei como fazer.
- Inconstância de alguns monitores e de muitas crianças.
- Qual o momento de se passar para nova família silábica?
- Diferença de algumas crianças quanto ao aprendizado.
- Alfabetização na língua.
- Possibilidade de um programa de bialfabetização.
- Insegurança (às vezes dá um branco na cabeça em pena).
- Abordagem de algumas questões mais complexas (como levar uma discussão sobre o que seja governo?) Economia?)
- Não esvaziar os trabalho das crianças, em função dos adultos.
- Formação de futuras lideranças.
- Extensão do trabalho e distância das aldeias.

